

.....

A escrita daquilo que do Real não se diz: considerações sobre a singularidade do encontro no trauma.

Carolina Freitas de Queiroz¹

Resumo

Pensar o trauma a partir da noção de Real, repetição e contingência, reenvia ao que Lacan e Freud trazem à psicanálise no que concerne à inauguração do sujeito como resposta ao impacto do gozo em um organismo vivo. Quando um evento da realidade é catastrófico e atordoante para um indivíduo, isto pode dar razões para que ele seja considerado como uma **vitima traumatizada**. Sobre este ponto, a psicanálise nos convida à prudência. Certamente existem encontros que chamamos, com Lacan, de **emergências do Real**, aos quais não existe escapatória e que não são simbolizáveis. No entanto, para que haja traumatismo é preciso que um evento coincida, ou ainda que ele faça eco com aquilo que “pega” para um sujeito: seu ponto cego e de impossível *historização*.

Palavras-chave: Trauma. Emergência do Real. Contingência do encontro.

L'écriture de ce que du Réel ne se dit pas: considérations sur la singularité de la rencontre dans le trauma.

Résumé

Penser le trauma à partir de la notion du **Réel**, de la **répétition** et de la **contingence**, renvoie à ce que Lacan et Freud apportent à la psychanalyse à propos de l'inauguration du sujet comme réponse à l'impact de jouissance dans un organisme vivant. Lorsqu'un événement de la réalité est catastrophique et troublant pour un individu, cela peut donner des raisons pour que celui-ci puisse être considéré comme une **victime traumatisée**. À cet égard, la psychanalyse nous invite à la prudence. Certes il existe des rencontres que nous appelons, avec Lacan, des **émergences du Réel**, auxquelles il n'y a pas d'échappatoire et qui ne sont pas symbolisables. Néanmoins, pour qu'il y ait traumatisme suite à un événement il faudrait que celui-ci coïncide, voire qu'il fasse écho à ce qui *cloche* pour le sujet : son point aveugle et d'impossible *hystorisation*.

Mots-clés: Trauma. Émergence du Réel. Contingence de la rencontre.

.....

¹ Mestre em Ciências Humanas e Sociais com especialidade em *Psicanálise e Pluridisciplinaridades* pela Université de Paris e Doutoranda em *Psicopatologia e Psicanálise* pela mesma Universidade. Faz parte da Formação Clínica em psicanálise do Colégio Clínico dos Fóruns do Campo lacaniano de Paris – França. E-mail: carol.fq@hotmail.com

Em que pese a noção de trauma abordada pela psicanálise não ser nova – visto que esta se apresenta desde a obra de Freud –, tal conceito, ao inserir-se num circuito mediado por constantes engendramentos e articulações, continua, pois, a nos interrogar. Por conseguinte, buscou-se, no presente trabalho, revisitar o tema; evitando, contudo, deixarmos-nos seduzir por certa tendência à **categorização** e **vitimização** das pessoas ditas traumatizadas. Tal rigor justifica-se por considerarmos que este discurso sobrepõe ao indivíduo um estatuto de vítima, cujo risco consiste em ejetar da cena o próprio sujeito, o qual, enquanto **desejante**, revela-se o ponto central da psicanálise. Pensar sobre o trauma nos conduz à última definição que Lacan traz sobre a angústia, a qual ganha o estatuto, nos anos tardios do seu ensino, de **emergência do Real no Simbólico**². É a partir dessa premissa que abordaremos o sujeito traumatizado como uma resposta singular a um **encontro** com o que poderíamos chamar de **um Real inesperado**. Relacionamos frequentemente esse tipo de Real não só às catástrofes naturais, mas também àquelas causadas pelo ser humano, a exemplo dos atos de violência dos mais variados tipos – estando também aí inclusos os atos mortíferos terroristas. Os traços de similaridade entre esses eventos se devem ao fato de que eles fazem vítimas: feridos **no real de seus corpos** e/ou psiquicamente. Nesses cenários a morte está sempre por perto, seja a do próprio indivíduo, seja a de seus semelhantes. O traço comum entre esses acontecimentos é que se trata de um real que “cai” sobre o sujeito. Na esteira de tal interpretação, a hipótese aqui sustentada busca refletir o desencadeamento traumático enquanto aquilo que ocorre quando o sujeito não é capaz de **responder simbolicamente** a tal encontro. Ou seja, de bordar o que lhe ocorreu através de significantes que dariam sentido à sua vivência, *capitonando* a angústia ligada ao momento do impacto traumático.

Enquanto Freud relacionava a angústia à castração, para Lacan ela aparece quando a falta vem a faltar³. Diferente dos outros afetos, que têm por propriedade um deslocamento possível na cadeia significante, isso não ocorre na angústia e, por essa razão, ela é considerada o **afeto essencial do sujeito**, a respeito do qual não nos enganamos. Em *A Terceira*⁴ nós encontraremos a causa da angústia como uma **impulsão pulsional ativada**, um gozo. Nesta época ela não está mais ligada ao objeto, nem ao desejo, mas considerada um evento do Real. Ademais, Lacan fala de um sentimento de descontinuidade temporal presente na angústia que se exprimiria através de uma espécie de imobilidade, ou de uma petrificação motora que adquire

² Lacan, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Éd. ALI, inédit, 1976.

³ Lacan, J. (1962-1963) *Le Séminaire, Livre : X, L'angoisse*. Paris : éditions du Seuil, 2004, p. 53.

⁴ *Lettres de l'École freudienne*, N° XVI, 1975.

um caráter de eternidade para o sujeito capturado por esta experiência. Ela é o que surge diante de uma suposta ameaça de ser reduzido ao próprio corpo. Nesse tocante, considera-se oportuno destacar que, em *Kierkegaard*, nós encontraremos o conceito de angústia ligado a uma **certeza** que estaria implicada na possibilidade de uma escolha, diante da qual um ser humano deve se posicionar. Sob tal perspectiva, o sujeito é, portanto, sempre impelido a um posicionamento subjetivo entre a **captura simbólica** e a angústia, esta última sendo o signo de uma hiância existencial. Lacan utiliza o termo *aphanisis* para indicar uma **particularidade da relação do sujeito ao desejo**, a qual implica a perda de sentido da sua posição, como se o tempo estivesse suspenso, onde ele não consegue se situar, nem se articular enquanto *Je*. Podemos, a partir daí, evocar uma espécie de **desaparecimento do sujeito** no encontro com o enigma do desejo do Outro, enigma diante do qual ele se vê “sem recursos”⁵. Uma vez que não consegue se separar, o sujeito permanece, então, congelado através de um tipo de **holófrase** à cena traumatizante – e é aí onde se apoiam e se justificam grande parte dos discursos *psicologizantes* sobre o trauma.

Ora, se consideramos o trauma como algo que advém de um encontro com um real inesperado, nós estamos igualmente advertidos de que nenhum encontro desta ordem pode ser calculado. A estrutura do Real é a de um impossível, incalculável e inassimilável por natureza. A ele não temos acesso, mas sentimos os seus efeitos através daquilo que “cai sobre nós”, de forma atravessada, e diante do qual o *ser falante* não tem escapatória: ninguém lhe escapa. Todos traumatizados, como propunha Freud desde o início. O trauma, estaria, portanto, na origem daquilo que nos constitui enquanto seres humanos, através daquele primeiro evento de um Real que o Simbólico precisou recalcar e, a partir do qual, o sujeito do inconsciente pôde emergir.

Freud nos ensinou que a facticidade traumática da cena sexual se deve ao fato de não haver, para ela, um representante na cadeia discursiva. Isto que equivale a dizer, com Lacan, que a experiência de um primeiro gozo é traumática, porque o sujeito não teve recursos para circunscrevê-la simbolicamente. A psicanálise nos adverte ainda que o encontro significativo, que corta o sujeito no real do seu corpo, não é sem efeitos. Trauma, etimologicamente falando, significa um choque entre duas superfícies, deixando sequelas. A **moterialidade**⁶, tal qual evocada por Lacan, deixa, sem dúvidas, marcas no corpo humano, da mesma maneira que a excitação proveniente de uma primeira experiência de gozo deixa traços no inconsciente.

⁵ Soler, C. « L'époque dei traumi – L'époque des traumatismes », *Quaderni/Praxis in Associazione per la psicoanalisi*. Itálie, Biblink, 2004.

⁶ Lacan, J. « Conférence à Genève sur le symptôme », *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, n° 5, 1985.

Quanto àquilo que é próprio ao gozo de cada sujeito, podemos dizer que é da ordem da contingência, uma vez que para este acontecimento não há programação. A contingência⁷ é uma noção à qual Lacan confere grande importância nos seus últimos seminários, sobretudo em o “Momento de Concluir⁸”. No que concerne ao Real e ao trauma, podemos constatar que é no encontro com um Real, que não ocorre senão de forma contingente, numa subjetividade suscetível, que o efeito traumático se estabelece.

Diante de tal contexto, podemos nos questionar sobre como isso modificaria a forma de pensar o traumatismo. Por conseguinte, a tentativa de elaborar uma resposta nos leva ao ponto essencial da nossa construção, qual seja o de fazer valer a subjetividade do sujeito antes mesmo de ele ter sofrido o evento, visto que este adquire um valor potencialmente traumático caso venha, de forma contingente, a ressoar um real próprio ao sujeito, e que, portanto, precede o encontro dito catastrófico.

Lacan nos mostra, no seminário sobre a Angústia⁹, que ela pode ser experimentada quando algo surge lá onde **nada** deveria estar. Se a aparição é a conjuntura da angústia, notemos, no entanto, que o que aparece não é o objeto *a*, mas algo que lhe faz alusão. Se tomarmos como exemplo o olhar dos lobos, no *Homem dos Lobos*¹⁰, podemos pensar que a imagem do animal pode ser absolutamente indiferente para um sujeito, mas o olhar dos lobos pode significar para ele uma particularidade de sua relação ao Outro. É, efetivamente, no momento em que nada deveria surgir (vazio de significação) que ele é tomado por uma aparição através da imagem do olhar dos lobos, tal imagem lhe reenvia a certos traços incompreensíveis nele próprio e no Outro. Isto vem evidenciar a participação do sujeito na sua experiência, tornando-a sempre particular e subjetiva: o encontro aterrorizante viria se juntar a um traço que já lhe aterrorizava anteriormente, fixando no indivíduo um núcleo de gozo do qual ele tem dificuldade de se separar.

Notemos, contudo, que existe uma distinção a ser feita entre um evento catastrófico, mais ou menos esperado – que faz parte de um discurso –, e aquele que não está, aí, inscrito. O primeiro diz respeito aos casos dos feridos e do encontro com a morte em tempos de guerra, ou ainda aos assassinatos ou agressões físicas no contexto de países, como o Brasil, aos quais as representações da violência urbana estão fortemente associadas. No que tange ao último exemplo, parece-nos relevante também precisar que, quando alguém é ferido durante uma

⁷ Lacan, J. « Introduction à l'édition allemande des Écrits », in *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 559.

⁸ Lacan, J. *Le moment de conclure*, Éd. ALI, inédit, 1977.

⁹ Lacan, J. (1962-1963) *Le Séminaire, Livre : X, L'angoisse*. Paris : éditions du Seuil, 2004.

¹⁰ Soler, C. *A repetição na experiência analítica*. Editora Escuta, 2013.

tentativa de assalto, ou atingido por uma bala perdida, por mais terrível que seja tal evento, ele se encontra inscrito numa rede discursiva comum e pré-estabelecida. Este discurso justifica, pois, o assassinato de alguém por ter reagido “mal” a uma tentativa de roubo, ou por andar próximo a uma zona perigosa. Sustentamos aqui que, devido a um acontecimento desta ordem ser previsto pelo social, o indivíduo, quando sobrevive a este mau encontro, é sustentado por um discurso que funciona como uma possível borda simbólica ao que lhe ocorreu. No entanto, o que nos parece ter ocorrido às pessoas que viveram os atentados terroristas em Paris (a partir de seus relatos), é que elas não foram necessariamente visadas. Ao contrário, suas narrativas reclamam o fato de terem sido pegas, ao acaso, num tiroteio onde as armas se dirigiam em todas as direções, o que nos leva a considerar o objeto dessa chacina como difuso; não localizável. Encontramos aí, portanto, uma dificuldade para incluir tal acontecimento numa cadeia simbólica, o que ofereceria aos sujeitos a possibilidade de, posteriormente, tecer algum sentido ao que lhes acontecera. É importante também salientar que, diferentemente do que ocorre no Brasil, onde estamos habituados à violência diária, não se esperava um atentado terrorista na Europa. O terrorismo na Europa ainda não se encontra totalmente inscrito e sustentado por um discurso; talvez ele passe a ser, diante de tal possibilidade, poderíamos nos perguntar se isso mudaria a forma de vivenciar um evento semelhante futuramente?

Contingência do encontro

Retornemos agora para interrogar-nos sobre a contingência e a repetição e de que maneira é possível estabelecermos uma relação entre esses conceitos e o trauma, uma vez que entendemos que a forma de conceber o Real, o trauma e a repetição em Lacan é homóloga em certa medida e, por isso, não se pode considerar uma sem a outra. Ao evocarmos que um acontecimento do Real é traumático por contingência, não estamos distantes da repetição. No seminário XI¹¹ (1973), Lacan confere a esta última uma nova definição: **o encontro fracassado**. É durante esse período que ele começa a elucubrar o Real como aquilo que volta sempre ao mesmo lugar, mas que, contudo, inaugura sempre o novo. É nesse sentido que a repetição é considerada a reprodução em ato de uma falha e que, em última instância, se trata de girar em torno do real da relação sexual que não existe. O fato de que o sujeito obtenha, aí, um suplemento de gozo, não é de nos surpreender, ao que Lacan batizou de *mais-de-gozar*. É assim que a repetição, para além de parecer reproduzir um cenário sempre conhecido, vem marcar, a

¹¹ Lacan, J. (1963-64) *Le Séminaire*, Livre : XI *Les quatre concepts de la psychanalyse*, Paris : Éditions du Seuil, 2006.

cada vez, a tentativa de recuperação de um gozo irremediavelmente perdido. Em relação à contingência, nós podemos encontrar a repetição no fato de que o sujeito vai procurar, sem saber, sempre um contexto que favoreça a sua reprodução. Contudo isso dependerá também dos acasos da vida, do bom encontro¹², ao qual Lacan acrescenta a interessante proposição: “o sujeito é sempre feliz¹³”. A repetição tem ares de reproduzir um passado porque ela evoca aquilo que não cessa de se escrever: a divisão do sujeito¹⁴. Sendo assim, ela pode ser considerada uma efetuação da não relação sexual que, por sua vez, é reiterada nos encontros que fazem os sujeitos ao longo da sua vida. Um encontro traumático tem lugar justamente quando alguém encontra um objeto no meio do caminho, lá onde ele não esperava, onde não era para ele estar: o “Real como tampão¹⁵”; não há divisão.

Ao evocar o Real como tampão, Lacan parece situá-lo no furo do Simbólico; o *das Ding*; a Coisa freudiana. Ela é homóloga ao recalque originário, impossível de ser pensado, e ao redor do qual gira a repetição. Encontramos a conjuntura do traumatismo quando estamos diante de um acontecimento que faz metáfora desse real originário do sujeito. Como se ele adquirisse um valor de ferida, ou de uma nova ferida, no lugar já lesionado de origem, mas que havia sido suturado por palavras e semblantes, aos quais o sujeito se atém a fim de povoar seu furo e assegurar certa homeostase psíquica. O momento do impacto traumático vem romper essa sutura, o que equivale a dizer que não existe captura simbólica diante de um real. Ele é da ordem de um puro acontecimento que não convoca o sujeito, nem o seu desejo, e de onde não existe escapatória. Como havíamos evocado anteriormente, é o encontro desse real com o do indivíduo que vai ditar a sequência traumática ou não. Podemos constatar que um mesmo acontecimento inesperado pode vir a fazer fixação de gozo e de sofrimento para uma pessoa, mas não para outra.

Em suma, o ponto que gostaríamos de evidenciar nesta leitura é que, para que um evento seja digno de fazer acontecimento de real, quer dizer ele ocorre num contexto de contingência com o real de um sujeito, naquilo que o faz tropeçar em sua existência; seu ponto de falta de simbolização. É nesse sentido que podemos falar da existência de um *à priori* do que faz para cada um “caricatura” do Real: aquilo que lhe reenvia ao seu próprio traumatismo. A contingência aqui estaria ao lado do acaso que convoca o sujeito dentre os recursos simbólicos que eles têm ou não. Encontramos ocorrências frequentes onde o sujeito é quase magicamente

¹² *Lettres de l'École freudienne*, nº XV, 1973.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Soler, C. *A repetição na experiência analítica*. Editora Escuta, 2013.

¹⁵ Lacan, J. « *Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI* », in : *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001. p. 573.

convocado por algo que lhe acontece, convocado, ao menos, ao nível de sua **singularidade**. As concepções de Real, de encontro e de contingência começam a ganhar forma tardiamente no ensino de Lacan, que, em “O Insabido¹⁶”, nos lança uma provocação na em que pese o fato do sujeito ser, em partes, responsável pelo Real. Observemos, no entanto, que responsável não é sinônimo de culpado, mas, se o sujeito não é capaz de responder por sua singularidade, quem vai fazê-lo?

A partir dos estudos sobre o nó *borromeano*, somos confrontados com uma nova forma de escrever o sintoma. O *sinthoma*¹⁷ é uma construção que faz função de *um dizer* para o sujeito. Ele tem por propriedade de unir os efeitos de sentido da linguagem própria à verdade inconsciente, com os “efeitos de gozo fora-sentido de alíngua¹⁸”; do real. Ele é aquilo que tenta costurar uma resposta existencial; o que há de mais singular na existência do *falasser*.

Encontramos, em alguns casos de traumatismo, uma dificuldade de *enodamento* ao sintoma, a partir do qual, a angústia encontraria o seu limite. Podemos ainda nos questionar se essa dificuldade seria de articular um sintoma ou de constituir um cenário fantasmático. É certo que, nesse tipo de encontro, existe uma vacilação do véu da fantasia, que deveria funcionar como tela que separaria o sujeito do **real fora-sentido**. Fazemos aqui alusão às *estórias* cheia de verdades que os sujeitos se contam. No encontro traumático não existe esse espaço próprio à fantasia, e é nesse tampão que se encontra a angústia. Ela convoca o sujeito, não como *desejante*, mas identificado ao objeto; é a “destituição selvagem¹⁹”.

A aposta da psicanálise diante disso é de responder através da oferta de uma presença (para além da física) e de um contexto específico que vise favorecer um exercício de elaboração da palavra. É nesse encontro de caráter único que o sujeito poderá falar daquilo que lhe cai mal, e sempre no mesmo lugar, em sua história, para que possa, enfim, resignificá-la, desvencilhando-se, assim, do congelamento do desejo face à sua vivência recente.

Referências

Lacan, J. (1962-1963). Le Séminaire, Livre: X, L'angoisse. Paris: éditions du Seuil, 2004.

Lacan, J. (1963-64). Le Séminaire, Livre: XI Les quatre concepts de la psychanalyse, Paris: Éditions du Seuil, 2006.

¹⁶ Lacan, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Éd. ALI, inédit, 1976.

¹⁷ Lacan, J. « Joyce le symptôme II » in : Joyce avec Lacan , Navarin Éditeur, 1975.

¹⁸ Soler, C. *Les affects lacaniens*, Puf, Paris, 2011.

¹⁹ Soler, C. « L'epoca dei traumi – L'èpoque des traumatismes », *Quaderni/Praxis in Associazione per la psicoanalisi*. Bblink, Italie, 2004.

Lacan, J. (1973). Parue dans Lettres de l'École freudienne, n° XV.

Lacan, J. (1975). « Introduction à l'édition allemande des Écrits », in Autres écrits, Paris, Seuil, 2001, p. 559.

Lacan, J. « Joyce le symptôme II » in: Joyce avec Lacan, Paris, Navarin Éditeur, 1975.

Lacan, J. (1976). « Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI », in : Autres écrits, Paris, Seuil, 2001. p. 573.

Lacan, J. L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre, Éd. ALI, inédit, 1976.

Lacan, J. Le moment de conclure, Éd. ALI, inédit, 1977.

Lacan, J. « Conférence à Genève sur le symptôme », Le Bloc-notes de la psychanalyse, n° 5, 1985.

Soler, C. A repetição na experiência analítica. Editora Escuta, 2013.

Soler, C. « L'epoca dei traumi – L'époque des traumatismes », Quaderni/Praxis in Associazione per la psicoanalisi. Italie, Biblink, 2004.

Soler, C. Les affects lacaniens, Puf, Paris, 2011.